

Tere Tavares

Taxes &
Recortes

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2015



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Ana Maria Vasconcelos

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T231v TAVARES, TERE. 1956 -
VOZES E RECORTES / TERE TAVARES. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

112 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-69033-45-5

1. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Conteúdo motivacional

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Alma de papel e tinta

*As cores são a chave, os olhos o machado,
a alma é o piano com as cordas.
(Wassily Kandinsky)*

Um nascimento que tem em si o solo, a fímbria do afeto, procurando o que julgava escondido. Seu papel: o corpo. Abarcando hastes de caules vertidos em fusões antecipadas nas corredeiras de folhas e na constância da aurora. O não evidente se movia na miragem que desbotava compacta, como que prevendo uma criança adormecida numa calma afetuosa. Sim, Ordep sabia-se: “tenho o direito de sonhar. Tenho direito ao delírio. Já me sabia caminhante, agora me reconheço utópico. A realidade me parece inacreditável”.

Toda a sua substância seguia a esvair-se. Ordep sequer percebia quando o sol se distanciava do dia por que não interrompia seus movimentos. Quer na presença ou na ausência de tristeza ou risos, o amor – nenhum semeador se

assemelha a esse construtor de cisternas – germinava-se em verbos, no cerzir infinito do vento, enlaçando-se na argila e nos vinhos da grande mãe Terra, sinalizando que sua feitura indefinida residia num lugar qualquer, e era sorvida em êxtase noutra deserto de vislumbres, numa voz de pedra.

De algum modo Ordep era aquele quadro de Hopper; aquele deslocamento à frente do silêncio, do verde, da esperança, da comunicação atravessada, da solidão infatigável.

Mentia ao condenar a mão alheia, dizendo-a frenética e sequiosa de afagos, de esfinges para o ego, do elogio fácil. No fundo, queria ser reconhecido entre a multidão e não sabia de que forma, depois de ter evidenciado em sua arca todo o apelo de que era portador. Sobrava-lhe a ilusão de que nada disso o fascinava, tampouco o tocava. Então, voaram de sua abertura facial, mariposas e cinzas afetadas de inferioridade, sedentas de cor e perfumes. Queria algo que aos outros interessasse – o mundo é coletivo. Ele era só mais um coletivo no meio da imensidão. Não seria descoberto; não seria aplaudido; não teria seus quinze minutos de fama. Esbravejava refutando aquele odor de aglomerações, como se quisesse ser tocado por uma fábula, por um condão desfalecido.

Disfarçado de liberdade, farejava apenas o que poderia ser sua própria morte: o farol iluminado. Apesar de ser um astro. “Essa manhã interminável em que me dei conta uma vez mais da minha inerte ventura, da cesura em que participo – a lágrima já foi mar um dia como o meu corpo,

lapidado pelas montanhas de fogo. A cada instante que passa, sinto tudo de uma forma mais íngreme e não tenho o amparo das primaveras que me serviram de braços. E virá o inverno que eu talvez nem viva, que talvez me descreva. Quando me poderei guiar?”.

O deslocamento de Ordep nunca o representava. A sensatez é o arranhão mais espesso e menos distante da profundidade que a tudo ondeia e unge. Perdia as horas de ser triste sempre que adentrava os caminhos da linguagem, como se desaparecesse, escrevia, escavando a trilha para além do caos, folha sobre folha.

Beijou uma flor que fixou para sempre o pólen em seus lábios – agora vivia à sua procura. Ordep acomodou silêncios e passos rumorosos, e dançou, na pausa das chuvas, os ninhos embebidos de sol – porque, para ele, os livros são como pássaros que, acarinhados pelo instante, sonham vagar indefinidamente pelo céu, esquecidos de se curvarem.



Dos homens da gratuidade

Aportaram algum tempo depois da tormenta. Traziam uma loucura lúcida grudada no mirar ingênuo que jogavam nos trapiches. Algo desconhecido num primeiro instante, até que se descobrisse, de forma inacreditável, a profundidade. Levemente, contornaram as margens até que fossem vistos. Dominavam o que anteriormente fora fertilidade e crepúsculos, como pássaros sem pouso. À beira do rio salientavam a maestria dos personagens desejáveis. Talvez fossem lidos numa aldeia qualquer, num jardim de vagalumes e buganvílias, com os sons estreitos das erosões.

Na sucessiva estrela dos dias futuros retornariam com maior força para pensar. E aconteceu. Quando os marinheiros deram uma volta, num minuto sem tempo, o

não resgatar dos barcos aliviou-lhes a fisionomia e os escrúpulos. O cais era o mesmo que regurgitava nas insônias da orla, como árvores impossíveis a desmentir o aparecimento do sobressalto, das vazantes imprevistas. Cravaram-se as estacas e demarcou-se o limite. Os dias embeberam-se de várzeas secas, na emergência de obscurecerem os juncos e amarrarem-se à terra.

Um ponto e logo avistariam a pesca a reluzir como veleiros sem hastes, no olfato dos pássaros famintos. Seguiam sem darem-se conta das lutas entre as luzes e os betumes, da guerra ou da paz, das permissões entre o dizer e o calar – os gumes das cítaras. A natureza sugava-os num emaranhado conhecido unicamente por ela. Lenta e científica. As polpas, os ventres de flores e incensos, purificaram-nos como algo lavado pelo sangue das matas desnudas.

Restou o indizível a colorir-lhes as arcas, e o que tivera sido um ritual, uma amostragem de signos, na verdade, fora um circuito do que nunca acontecera. E sumiram dentro do nunca. Porque nunca é tarde demais.

Apenas a metade do rosto: Aldo

“Talvez as minhas perplexidades se deitem no âmago da terra vermelha, num frêmito rompante. Ali cabem todas as esperas e se escavam todas as recusas”.

Alçou a face entre as conchas da cumplicidade para desabrigar-se dos minutos. As violetas rosadas não entendiam o seu gesto, nem as dúvidas que o envolviam na falta de uma identidade cuja aceitação nem de si escapava. Sua fronte confundida no lavrar da rusticidade, não evitava o perfume da malva escondido nas vestes do inverno. A garoa preenchia as cacimbas e os arbustos numa universalidade desconhecida. Esquecera as botas à beira dos cascalhos. Os dedos desinteressados como os pássaros nas figueiras. Simplesmente existia, irrepreensível, para além do existir. Espiava, a cada indício de



www.editorapenalux.com.br
<http://m-eusoutros.blogspot.com>



t.teretavares@gmail.com



[/facebook.com/tere.tavares.1](https://facebook.com/tere.tavares.1)